

SÁNCHEZ-JANKOWSKI, Martín.
Islands in the Street: Gangs and American Urban Society.
 Berkeley: University of California Press. 1991.

O livro de Jankowski oferece uma visão clara sobre gangues e sua situação no interior de uma sociedade urbana como a dos Estados Unidos. Sua pesquisa é dinâmica, partindo da vivência dentro das próprias organizações e um trabalho de campo paciente, detalhado e cientificamente embasado. Através dele pode-se repensar o sujeito da pesquisa, o jovem das classes desfavorecidas, desmistificando a imagem que se faz das gangues, apresentando seus elementos como seres humanos e não criaturas dignas de pena ou que causam medo.

Islands in the Street traz uma profunda análise sociológica e interpretativa dos motivos que levam os jovens a entrar nas gangues e porque são por elas aceitos, como se organiza, como se relacionam com as comunidades onde vivem, com a força policial e com os meios de comunicação. Martín Jankowsky empregou dez anos e cinco meses neste projeto de pesquisa e inicia o prefácio dizendo que o termo "gang" no *Webster's New American Dictionary* tem como um de seus significados o termo "journey", jornada. E compara o período de tempo que usou para a pesquisa como uma longa jornada pelas comunidades urbanas às quais os grupos estudados pertenciam.

O estudo originou-se de uma pesquisa feita pelo autor sobre a atitude política dos jovens mexicanos na década de 70. Naquela época ele quis comparar os resultados com amostras de porto-

riquinhos em Nova York e Boston. Ao fazê-lo pode perceber que entre a juventude pesquisada havia uma grande quantidade envolvida em gangues em todos os grupos étnicos. Ocorreu-lhe então que, caso ele quisesse entender sociologicamente as comunidades de baixa renda, seria necessário entender porque o fenômeno das gangues persistia nos Estados Unidos. por mais de cem anos. Essas observações encaminham-no para o desenvolvimento do projeto de pesquisa que o levou a interagir com esses grupos num extenso período de tempo.

Historicamente o termo gangue sempre teve uma conotação negativa. Nos Estados Unidos, desde o século dezenove havia certos grupos no oeste sem lei que atuavam roubando diligências, bancos, minas e 'saloons'. Eram considerados foras-da-lei e um problema social, econômico e moral. Estas gangues entraram para a mitologia dos foras-da-lei. mas o séc. XX trouxe uma nova configuração socioeconômica com a chegada de milhões de trabalhadores imigrantes. As dificuldades que surgiram com o enorme contingente que chegava ao país, posteriormente agravadas pela Grande Depressão Econômica, quando o crime organizado instalou-se e os grupos que o compunham eram chamados gangues. No entanto aqueles agrupamentos de adultos diferiam dos grupos compostos por jovens estudados por Jankowski.

Sua pesquisa procura analisar a gangue como uma organização e o fenômeno da gangue em geral. Para isso Jankowski acreditou ser necessário conduzir um estudo comparativo. Dessa forma seria possível entender o que havia em comum e o que era particular a cada gangue. A amostra estudada consistia em 37 gangues, sendo que

treze estavam situadas em Los Angeles, vinte na área de Nova York e quatro eram de Boston. Dentre as etnias representadas estavam irlandeses, afro-americanos, porto-riquinhos, mexicanos, dominicanos, jamaicanos e centro-americanos. O número de membros da gangue também variava: as menores tinham cerca de trinta e quatro membros sendo que as maiores contavam com mais de mil. O autor conviveu com esses jovens, suas famílias e comunidades, participando de suas reuniões e envolvendo-se em atividades e até em brigas. Apenas ficou acertado que ele não se envolveria com drogas e procedimentos ilegais. Obviamente, foi necessário usar tais recursos para maior veracidade na coleta de dados.

Houve, também, a colaboração de pessoas que mantinham contato com gangues em níveis variados tais como familiares, líderes de comunidades, políticos, burocráticos do governo, oficiais da força policial, representantes da mídia e pessoas que mantinham algum tipo de negócio com membros de gangues. Os métodos usados envolveram, além da observação participante, uma reflexão sobre os padrões de ação de cada grupo, bem como a análise dos depoimentos pessoais dos envolvidos. Uma das estratégias importantes era obter a opinião e o 'feeling' dos membros que participavam de uma ação antes, durante e depois de cada evento. Os registros foram feitos tanto por escrito como por gravações. O tempo gasto com cada gangue variava de acordo com os eventos que cada uma delas vivenciava, cuja importância ou relevância eram avaliadas no momento imediatamente após serem vividos. Essa flexibilidade, aliada ao embasamento teórico que Jonkowski aplicou ao seu trabalho, lhe confere

um enfoque abrangente não encontrado em pesquisas anteriores. Também imprimiu a elas um caráter interativo que fez com que os próprios membros das gangues o considerassem um igual e esquecessem estar tratando com um acadêmico, fator benéfico para tal interação. Jankowski acabou sendo aceito como o pesquisador que estava com eles e isso era um fato normal. Havia respeito e entendimento mútuo. Ele relata, também, que, contrariamente às suas expectativas, as pessoas entrevistadas que interagem noutros níveis com as gangues também se mostraram acessíveis. A introdução do livro relata como se travou todo o contato e seu desenvolvimento, explicando quais as variáveis consideradas.

O conteúdo estudado desenvolve-se ao longo de oito capítulos, numa linguagem leve que não esquece o rigor científico. No primeiro capítulo inicia apresentando uma teoria sobre gangues, oferecendo uma breve definição do fenômeno, teorizando sobre quais fatores afetam o comportamento das gangues enquanto organizações; porque certas gangues persistem e sobrevivem enquanto outras declinam o morrem. Finalmente examina porque gangues como um fenômeno têm sido capazes de persistir ao longo do tempo na sociedade urbana americana.

Os capítulos seguintes apresentam dados de como os elementos avançados na teoria se aplicam à vida diária. Os cinco capítulos da parte I enfocam a dinâmica interna da gangue no seu ambiente local. O capítulo 2 começa a investigação, endereçando a questão mais fundamental: quem entra para uma gangue e por que? Há uma atenção particular dirigida

ao modo como o indivíduo decide ingressar na gangue e como esta o recruta. O capítulo 3 levanta a questão que tem intrigado os pesquisadores e o público em geral: o que acontece numa gangue? Apontando para este tema produz uma descrição da dinâmica interna das gangues, tanto como se organizam, suas funções, quanto e quais fatores influenciam as organizações a se comportar de determinadas maneiras. O capítulo 4 identifica como a organização se mantém e examina tanto o tipo de atividade econômica em que os membros da gangue se envolvem quanto os fatores a influenciar o sucesso ou o fracasso dessa atividade.

A violência da gangue — tópico que tem ocupado a atenção pública, em parte pelo enfoque dado pela mídia — é assunto do capítulo 5. Trata-se de uma análise da sociologia da violência das gangues, um enfoque que busca determinar a natureza e as causas da violência, e como os indivíduos e a organização como um todo compactua com isso.

O capítulo 6, que encerra a primeira parte, examina a relação entre as gangues e as suas comunidades locais. A questão central remete-se ao papel, se há algum, que a comunidade representa na forma em que a gangue opera. As comunidades vêem as gangues como tão perigosas e destrutivas que deveriam ser erradicadas? Elas vêem os participantes como indivíduos incompreendidos, legítimos membros da comunidade que devem ser defendidos dos abusos dos policiais e do ataque da mídia? Ou elas simplesmente não pensam nada a respeito das gangues?

Na parte II, Jankowski vai da dinâmica interna das gangues seu meio às suas relações com o mundo fora da comunidade. O capítulo 7

explora quais as maneiras em que a política e as agências governamentais afetam o modo como as gangues operam. A análise então se volta para uma das questões que causa maior perplexidade diante da sociedade americana: por que o sistema de justiça criminal não tem tido capacidade de erradicar gangues ou controlá-las? O capítulo 8 prova a interação entre as gangues e o sistema de justiça criminal de forma a entender seu impacto nas operações das gangues.

O capítulo 9 lida com o contínuo debate sobre se a mídia tem ajudado a informar o público sobre a natureza das gangues e o problema social ligado a elas, ou tem exagerado sobre o assunto todo. Uma atenção particular é devotada à análise de como as gangues e a mídia se relacionam e avalia os efeitos desta última sobre as formas como as gangues venham a conduzir seus negócios.

A conclusão faz algumas colocações finais sobre as gangues em si e sua natureza dentro da sociedade americana. Ao fazê-lo, o autor tenta esclarecer os dilemas e dificuldades que estas apresentam à sociedade.

Algumas observações feitas por Jankowski são particularmente importantes. Pode-se ressaltar os diferentes tipos de organização dentro da gangue, os quais ela denomina modelo vertical-hierárquico, modelo horizontal-comissional e por último, o modelo influencial. Cada um deles é estudado de forma a determinar qual é mais eficiente na manutenção do grupo, sua organização e atividades. As tradições étnicas são consideradas na medida que influenciam comportamentos muito particulares de cada uma das etnias, especialmente dos grupos irlandeses e mexicanos.

Finalmente, examina a questão da mídia e sua relação com as gangues. A atenção que a TV, jornais e filmes chamam para as gangues traz vantagens e desvantagens. Mas é particularmente prejudicial a visão estereotipada trazida especialmente por programas sensacionalistas e filmes preconceituosos, onde aqueles que não são brancos e pertencem a população de baixa-renda carregam automaticamente o estigma da imoralidade e da corrupção de costumes. Essa colocação, entre outras, faz do estudo de Martín Sánchez-Jankowski uma obra indispensável àqueles que se dedicam à pesquisa nesta área.

Rosely Aparecida Romanelli
Mestranda - Faculdade de Educação,
Universidade de São Paulo

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). *História dos Jovens*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 2 v. Tradução de Cláudio Marcondes, Nilson Moulin, Paulo Neves, Maria Lúcia Machado.

Uma geração não pode sujeitar às próprias leis as gerações futuras
Artigo 28, Declaração dos Direitos do Homem, 1793

“História dos jovens” é uma coleção composta a partir da colaboração de diversos historiadores europeus do campo da história social. Cada colaborador desenvolveu uma periodização interna e específica para a compreensão do jovem na sociedade e tempo referente ao seu tema de estudo. Cada estudo, por fim,

resultou em um capítulo da coleção. Em outras palavras, apesar dos subtítulos: “Da antiguidade à Era moderna” (primeiro volume, 8 capítulos, 372 páginas) e, “A época contemporânea” (segundo volume, 9 capítulos, 382 páginas), “História dos Jovens” não é uma obra de caráter macro-histórico. Mais ainda, os organizadores incentivaram a apresentação de modelos interpretativos múltiplos, o que segundo eles, evitaria síntese uniformizadora e até redutiva do problema. No entanto, essa organização da obra não deve nos levar a vê-la como mera coletânea de textos autônomos sobre um mesmo tema. É possível encontrar ao longo da leitura dos dois volumes certa unidade de procedimentos de trabalho privilegiados pelos pesquisadores e uma tentativa mais ou menos constante responder à questões que serão apresentadas a seguir.

O título escolhido para a coleção já sugere o desafio lançado a cada participante da coleção: escrever uma história dos jovens, não da juventude. A preocupação, neste caso, foi a de descartar as “imagens fortes” que em nossa sociedade conotam o termo “juventude”. O primeiro objetivo de cada estudo foi o de desvendar a construção social e simbólica que diferentes sociedades, em diferentes épocas, tecerem dando corpo a idéia de juventude. Por isso, quase todos os capítulos se iniciaram por uma definição do termo específica para o período estudado. Isso é alcançado através da análise de documentação jurídica, ou, estudando práticas sociais que envolviam os personagens nesta faixa etária que delimitamos como juvenil. Os estudos mostram que as idades que delimitam o fim e o início da juventude variam com espaço e às

vezes, no mesmo espaço, com o passar do tempo. É impossível não notar que o social se sobrepõe ao biológico.

Para os organizadores da obra, a juventude pode ser entendida como um conjunto de problemas que se colocam para um indivíduo entre uma primeira fase de separação e a fase final de agregação do processo de socialização. Os estudos descrevem as complexas relações sociais concretas que o grupo neste estágio do processo pode manter com a comunidade ou sociedade mais ampla. Relações, essas, que podem ser marcadas por solidariedade e/ou conflito. Lendo os estudos podemos nos deparar com circunstâncias de vida dos jovens muito familiares e outras absolutamente diversas daquelas que conhecemos. Podemos, ainda, acompanhar o esforço dos historiadores para delimitar a condição do grupo de jovens cobertos pelo corpo documental, já que, na maioria dos casos, a condição verificada não pode ser estendida a todo o grupo e para longos períodos. Afinal, a condição do jovem que está no campo não é a mesma daquele que está na cidade; ou, a condição dos jovens que pertencem a sexo ou classe social diversas podem variar profundamente dentro de uma mesma sociedade e período determinados. Para o leitor, refletir sobre tais circunstâncias pode revelar-se um um exercício agradável e útil de desmonte de certos preconceitos. Pode, também, sugerir outras categorias ou enfoques para a pensarmos a temática da juventude nos nossos dias.

Os estudos têm ainda em comum a preocupação de buscar modos de pensar, representações ou imagens que as sociedades ou os próprios jovens construíram sobre si.